

O mal como parasita: uma análise da trajetória suicida de Stavróguin no romance *Os demônios*, de Fiódor Dostoiévski / *Evil as a Parasite: An Analysis of Stavrogin's Suicidal Path in Fyodor Dostoevsky's Novel Devils*

Anderson Souza Cantanhede *
Douglas de Sousa **

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a trajetória suicida do personagem Stavróguin, no romance *Os demônios*, de Fiódor Dostoiévski, a partir do conceito de “mal parasitário”, desenvolvido por Luigi Pareyson. Busca-se analisar como o mal dissolve a personalidade do anti-herói e o conduz ao suicídio. Para isso, a pesquisa está fundamentada em contribuições bibliográficas que têm como foco o tema do mal na obra do escritor, com a finalidade de examinar a manifestação do mal parasitário, o qual exerce a sua força negativa alimentando-se da deterioração moral e existencial do personagem. Como resultado, a pesquisa demonstra que o mal age infiltrado no ser por meio de ideias niilistas, cindindo, assim, a personalidade de Stavróguin, o que o conduz a uma liberdade arbitrária, à indiferença e, conseqüentemente, ao suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: Dostoiévski; Liberdade; Mal parasitário; Niilismo; Suicídio

ABSTRACT

This paper aims to understand the suicidal trajectory of the character Stavrogin in Fyodor Dostoevsky's novel Devils, based on the concept of “parasitic evil” developed by Luigi Pareyson. The aim is to analyze how evil dissolves the anti-hero's personality and drives him to suicide. To this end, the research is based on bibliographical contributions that focus on literary criticism of the Russian novelist's work, with the aim of examining the manifestation of parasitic evil, which exerts its negative force by feeding on the character's moral and existential deterioration. As a result, the research shows that evil acts infiltrating the being through nihilistic ideas, splitting Stavrogin's personality, which leads him to arbitrary freedom, indifference and, consequently, suicide.

KEYWORDS: Dostoevsky; Freedom; Parasitic Evil; Nihilism; Suicide

* Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, Campus Paulo VI, São Luís, Maranhão, Brasil; Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA; <https://orcid.org/0009-0006-7572-4996>; andersonsouza21.c@gmail.com

** Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, Campus Presidente Dutra, Presidente Dutra, Maranhão, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-3109-8074>; doug.rsousa@gmail.com

Introdução

Para Mikhail Bakhtin, o universo artístico de Dostoiévski desconhece a morte ocorrida por fatores naturais, pois nele “há apenas assassinatos, suicídios e loucuras, ou seja, apenas mortes com atos responsavelmente conscientes” (2018, p. 337). No campo ficcional do escritor, o tema que mais o preocupava e incitava o seu senso imaginativo eram as horas finais de vida que antecedem o ato do suicídio, o que pode ser evidenciado pela profusão de representações dessa situação em toda a sua obra.

Em suas narrativas, os personagens vivem e personificam as “ideias niilistas” – e, como resultado, sofrem deformações psíquicas e morais que os conduzem à autoflagelação e à morte voluntária. Uma das obras nas quais há maior incidência desse ato é o romance *Os demônios* (1872), “um ‘poema’ trágico sobre os males morais e espirituais que afligiam a cultura russa” (Frank, 2018, p. 721). No romance, o personagem principal é Nikolai Vsievolódovitch Stavróguin, educado moral e intelectualmente por Stiepan Trofímovitch, um idealista liberal pertencente à primeira geração da *intelligentsia*¹ russa.

Apesar de não exercer um papel direto de ação, Stávróguin é considerado o líder intelectual dos principais membros de um grupo revolucionário clandestino, organizado e dirigido por Piotr Vierkhoviénski, filho niilista de Stiepan. No entanto, as ideias defendidas pelo grupo já não despertam em Stavróguin nenhum entusiasmo. Assim, o seu modo de vida, em que bem e mal já não possuem uma distinção clara, torna seu ato suicida um fato literário singular a ser investigado.

Diante disso, este estudo busca compreender a trajetória suicida do personagem Stavróguin no romance *Os demônios* (2018), de Fiódor Dostoiévski, a partir do conceito de “mal parasitário” desenvolvido por Luigi Pareyson, e mostrar como o mal, infiltrado no ser por meio de ideias niilistas, não apenas corrompe a sua liberdade, mas também provoca a desagregação de sua personalidade, conduzindo-o a um estado de inércia e dissolução, que tem como ato final o suicídio.

¹ Classe política russa do século XIX, “que se definia como um movimento em prol da reforma social. Seus membros, os *intelligenti*, eram pensadores críticos que lastimavam o estado político primitivo de seu país sob o tsarismo” (Chamberlain, 2022, p. 21).

Para isso, a pesquisa está fundamentada nos livros *Dostoiévski: filosofia, romance e experiência religiosa* (2012), de Luigi Pareyson, e *O espírito de Dostoiévski* (2021), de Nikolai Berdiaev, além de outras contribuições bibliográficas que tenham como foco a crítica literária sobre a obra do romancista russo. Entre elas, destacam-se o estudo de Nikolai Tchirkóv (2022) sobre a evolução estilística de Dostoiévski e a extensa pesquisa biográfica, histórica, cultural e crítica literária de Joseph Frank, apresentada em *Dostoiévski: um escritor em seu tempo* (2018). A articulação entre essas obras será essencial para examinar de que modo o mal parasitário, enquanto força negativa, se alimenta da deterioração moral e existencial do protagonista de *Os demônios*.

Dividimos este trabalho em três partes principais: na primeira, discutiremos a relação entre o mal e a liberdade, destacando como o mal surge da responsabilidade do homem, bem como o seu poder de escolha; em seguida, analisaremos como Dostoiévski reflete, em suas obras, a influência das ideias ocidentais modernas na existência das suas personagens; e, por fim, abordaremos a trajetória suicida de Stavróguin à luz do conceito de mal parasitário, demonstrando como a sua educação nas ideias modernas o leva a uma liberdade arbitrária e à indiferença, consequência exercida pelo mal que cinde a sua personalidade e o arrasta ao Nada na morte voluntária.

1 O mal e a liberdade

Em publicação de 1957, intitulada “Por Dostoiévski”, o romancista e filósofo franco-argelino Albert Camus (2023, pp. 288-289) comenta: “admirei Dostoiévski antes de mais nada pelo que ele me revelava. Revelar é bem a palavra. Pois ele só nos ensina o que sabemos, mas nos recusamos a reconhecer”. Nessas palavras, Camus evidencia a capacidade do escritor russo de exprimir ficcionalmente verdades fundamentais da condição humana, em que se destaca o problema do mal. Embora seja algo factual, tendemos a negá-lo, pois, assim como seus personagens, sentimo-nos desconfortáveis em reconhecer que o mal também faz parte de nós, do nosso livre-arbítrio, e que, portanto, o indivíduo estará, constantemente, em um duelo interno de forças diametralmente opostas. O tormento da alma que esse embate causa é expresso na confiança dramática do anti-herói, o protagonista sem nome de *Memórias do subsolo*:

Quanto mais consciência eu tinha do bem e de tudo o que é “belo e sublime”, tanto mais me afundava em meu lodo, e tanto mais capaz me tornava de imergir nele por completo. Porém o traço principal estava em que tudo isso parecia ocorrer-me não como que por acaso, mas como algo que tinha de ser. Dir-se-ia que este era o meu estado normal e que não se tratava de doença, de um defeito, de modo que, por fim, perdi até a vontade de lutar com este defeito. Finalmente, quase acreditei (e talvez tenha acreditado realmente) que meu estado normal era esse. E, no início, quanto não sofri nessa luta! (Dostoiévski, 2009, p. 19).

Ao encarnar, em seus personagens, as facetas mais ignóbeis do mal, Dostoiévski soube explorar, de maneira profunda, a ideia de que o mal não é um simples produto do ambiente, da estrutura social ou uma simples violação da lei. Mas, em seu imaginário literário, ele o representa como uma fonte interior e metafísica (Berdiaev, 2021).

Cabe destacarmos que o problema do mal que encontramos na obra dostoiévskiana está intimamente relacionado à dimensão da liberdade. Segundo Nikolai Berdiaev (2021, p. 75), “o mal é inexplicável sem a liberdade. Ele aparece nos caminhos da liberdade. Sem este liame não existiria a responsabilidade do mal: sem a liberdade só Deus seria o responsável por ele”. Há uma antinomia que caracteriza a tragédia do homem livre em Dostoiévski, pois sendo o bem filho da liberdade, não poderia existir sem ela; o bem e o mal podem ser criados de maneira simultânea pela liberdade, que é irracional. Por fim, impor o bem ou negar a liberdade representa, em si, a manifestação do mal (Berdiaev, 2021). Desse modo, a liberdade configura-se como o poder de escolha dado aos seres humanos, ou seja, o livre-arbítrio pelo qual cada indivíduo torna-se responsável.

Esse delineamento enigmático que o escritor russo nos apresenta pode ser visto de forma mítica no seu último romance, *Os Irmãos Karamázov* (2012), cujo primeiro volume foi publicado em 1880. No emblemático capítulo V da obra, o personagem Ivan Karamázov declama um poema chamado “O Grande Inquisidor” para o seu irmão, Aliócha Karamázov, em uma taverna localizada na cidade onde se desenrolam as ações e os dramas do romance.

O poema conta a história da volta de Cristo à Terra no século XVI, na Espanha, mais precisamente na cidade de Sevilha, na qual as pessoas que lá viviam passavam pelo “mais terrível tempo da Inquisição, quando, pela glória de Deus, as fogueiras ardiam diariamente no país” (Dostoiévski, 2012, pp. 343-344). Em meio a isso, Cristo aparece

em silêncio, com serenidade e compaixão, sem grande alarde. Mesmo assim, o povo o nota e o segue. E após realizar curas e ressuscitar uma menina no adro da catedral de Sevilha, o Grande Inquisidor, que presenciou esse último feito, ordena a sua prisão.

Após encerrá-lo atrás das grades, o Grande Inquisidor vai até a prisão para interrogá-lo e acusá-lo de conceder aos homens o insuportável fardo da liberdade. Diante do Cristo, ele afirma que:

não existe nada mais sedutor para o homem que sua liberdade de consciência, mas tampouco existe nada mais angustiante. Pois em vez de fundamentos sólidos para tranquilizar para sempre a consciência humana, tu lançaste mão de tudo o que há de mais insólito, duvidoso e indefinido, lançaste mão de tudo o que estava acima das possibilidades dos homens, e por isso agiste como que sem nenhum amor por eles [...] Em vez de assenhorear-se da liberdade dos homens, tu a multiplicaste e sobrecarregaste com seus tormentos o reino espiritual do homem para todo o sempre (Dostoiévski, 2012, p. 353).

Essa declaração enfatiza a dificuldade dos seres humanos de lidar com a livre escolha, preferindo renunciar a essa liberdade e se submeter à total subjugação, seja para um inquisidor, um ídolo ou uma ideia, com o objetivo de evitar a dúvida e a angústia. Luiz Felipe Pondé, no livro *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski* (2013, p. 218), chama essa atitude de “heterônoma”: quando um indivíduo cede o seu poder de decisão a outro. Segundo ele, “o que a heteronomia faz com a liberdade é poupar o homem de viver, enquanto ser livre, na dúvida, na incerteza”. Por essa razão, Berdiaev (2021, p. 63) afirma que Dostoiévski:

Foi dominado pela ideia de que a harmonia universal não podia ser concebida sem a liberdade do mal e do pecado, sem a provação da liberdade. Ele se ergue contra toda harmonia cuja base seria o constrangimento, fosse ela teocrática ou socialista. A liberdade do homem não pode ser concebida como presente obrigatório de uma ordem de coisas dada. Ela deve preceder esta ordem de coisas.

Outro tipo de liberdade que merece ser destacada em Dostoiévski é a liberdade arbitrária, que não possui limites morais para agir, havendo, portanto, uma vontade positiva para o mal. O indivíduo “esquece a distinção entre bem e mal a ponto de tornar-se capaz de tudo, exalta o próprio arbítrio a fim de invertê-lo em deliberada vontade de crime [...], não sabe viver senão numa atmosfera de homicídio e de sangue” (Pareyson,

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (4): e70272p, out./dez. 2025

2012, p. 56). Por essa razão, os personagens do romancista – em sua grande maioria masculinos² – destacam-se por seus arroubos de rebeldia, os quais culminam em crimes de toda ordem e em atos violentos, ultrapassando toda e qualquer norma, ou mesmo na indiferença demoníaca de corpos em que o mal em sua potência dissolve-os na apatia e no vazio:

Vazia e sem objeto, aparece a liberdade de Stavróguin e de Versílov; a de Svidrigailov e Fiodor Pavlovitch Karamázov desagrega a personalidade; a liberdade de Raskólnikov e de Piotr Verkhovenski conduz ao crime; a liberdade de Kirílov e de Ivan Karamázov mata o homem (Berdiaev, 2021, p. 63).

Os personagens de Dostoiévski citados são aqueles em que as suas liberdades desaparecem ao serem atormentados por ideias que os seduzem e os escravizam (Berdiaev, 2021). Mas que ideias são essas? No tópico seguinte, faremos uma abordagem contextual do romance *Os demônios* (2018), destacando como Dostoiévski pintou os seus personagens atormentados pelas ideias ocidentais niilistas em voga na Rússia do século XIX.

2 O romance-tragédia e as ideias ocidentais

Conforme aponta Joseph Frank (2018, p. 385), a partir de sua obra *Humilhados e ofendidos*, publicada em 1861, após o seu exílio siberiano³, Dostoiévski exprime a sua “primeira reação artística às doutrinas radicais da década de 1860”, que tomam formas mais claras quatro anos depois, em *Memórias do subsolo*, e em especial nos seus grandes

² É interessante notar como as personagens masculinas e femininas desempenham papéis bastante diferentes e complexos. Enquanto as personagens masculinas geralmente são indivíduos atormentados por ideias e questões morais profundas, as femininas, assim como as crianças, frequentemente destacam-se como figuras de devoção e compaixão. Um exemplo marcante é a personagem Sônia, de *Crime e castigo*, que se torna fundamental para a redenção do protagonista Raskólnikov. No entanto, em ambos os casos, existem exceções que merecem uma atenção mais detalhada em estudos posteriores.

³ No ano de 1849, aos 28 anos, Dostoiévski foi condenado à morte “por seu envolvimento no chamado Círculo de Pietrachévski, uma confraria de progressistas [...], pena que, no dia da execução, foi comutada por ordem do próprio czar Nicolau I em quatro anos de trabalhos forçados [...] na Sibéria” (Bezerra, 2020, p. 8). Essa pena foi seguida de mais quatro anos prestando serviços como soldado raso na cidade de Semipalátsk.

romances, entre os quais se destaca a obra *Os demônios* (2018), que, segundo Nikolai Tchirkóv (2022, p. 164), trata de:

um romance acusador, um panfleto político contra o momento social e revolucionário das décadas de 1860 e 1870, implica ao mesmo tempo uma sátira aguda dos círculos superiores e do regime sociopolítico da Rússia tsarista daquele tempo. A sátira do escritor transforma-se impetuosamente numa narração sobre os destinos trágicos do país e de seu povo. Os motivos sociais do romance se entrelaçam de forma inesperável com suas concepções filosóficas.

É interessante mencionar que esse “romance-tragédia”, como o considera Tchirkóv (2022), nasce de um acontecimento real: o assassinato de um jovem estudante chamado Ivanov, perpetrado por membros de um grupo revolucionário radical. O crime ocorreu devido à oposição de Ivanov a uma conspiração liderada por Nietcháiev⁴ (Frank, 2018).

Esse acontecimento acabou por despertar o interesse de Dostoiévski, que estudou o caso a partir das diversas informações divulgadas por jornais da época. É importante salientar que esse caso histórico trata apenas de uma inspiração, que serviu de núcleo para o enredo da crítica política presente no romance, pois, como bem pontua Ednilson Pedroso (2021, p. 72), “toda a galeria de personagens que podem ser associadas às principais vozes políticas, sociais, filosóficas e religiosas da cultura russa da primeira metade do século XIX está intrinsecamente vinculada ao ideário do artista”. Ainda sobre o entusiasmo artístico por representar fatos, Joseph Frank (2018, p. 714) nos diz que:

Dostoiévski sempre encontrou sua inspiração nos acontecimentos mais imediatos e sensacionais do dia — acontecimentos muitas vezes banais e até mesmo sórdidos — para depois elevar esse material, em suas melhores obras, ao nível do genuinamente trágico. Essa união do contemporâneo e do trágico era o verdadeiro segredo de sua genialidade [...].

Como o próprio assassinato do jovem Ivanov sugere, a época da escrita deste romance, bem como de toda a produção pós-siberiana de Dostoiévski, está historicamente

⁴ Serguei Nietcháiev foi um conhecido revolucionário russo no século XIX, descrito por Joseph Frank (2018, p. 17) como um “agitador totalmente sem escrúpulos, com uma vontade de ferro, redigiu o Catecismo de um revolucionário, cuja adesão utilitarista ao uso de quaisquer meios para obter fins sociais supostamente benéficos faz Maquiavel parecer um coroinha”.

situada em um cenário de grande tensão. Segundo Erich Auerbach (1971, p. 457), há uma ausência de reconciliação com a tumultuada realidade do século XIX na Rússia, caracterizada pela “infiltração de formas de vida e espirituais europeias modernas”. É nesse ambiente que surgirá o problema do niilismo russo, cuja principal característica, conforme Franco Volpi (1999), foi o embate entre as ideias da geração ligada à ortodoxia russa da década de 1940 (eslavófilos) com as ideias oriundas do Ocidente moderno, que passaram a influenciar a “nova geração” russa da década de 1860 (ocidentalistas). De acordo com os estudos históricos da filosofia na Rússia, de Frederick Copleston (1986, p. 102), o termo niilista:

[...] referiu-se àqueles que alegaram não aceitar nada com base na autoridade ou fé, nem crenças religiosas, ideias morais, nem teorias sociais e políticas, a menos que pudessem ser comprovadas pela razão ou verificadas em termos de utilidade social. Em outras palavras, o niilismo era uma atitude negativa em relação à tradição, à autoridade, seja eclesiástica ou política, e aos costumes herdados, juntamente com a crença no poder e na utilidade do conhecimento científico⁵.

Na primeira viagem que fez ao velho continente, que culminou na obra *Notas de inverno sobre impressões de verão* (2011), de 1863, Dostoiévski buscou explorar essa nova ordem moral-social que advinha, para entender tanto as relações de influência exercidas na cultura russa quanto o destino da sociedade, que acolhe tais ideologias. Ao final dessa excursão, ele conclui que tudo não passava de uma utopia, que conduziu a Europa a um embrutecimento moral. Nesse contexto, prevaleceu “o princípio da acentuada autodefesa, da autorrealização, da autodeterminação em seu próprio Eu” (Dostoiévski, 2011, p. 133), o que levou essa cultura a perder os laços espirituais sagrados sobre os quais havia sido alicerçada.

Por essa razão, Dostoiévski “passa a ancorar sua obra em um movimento de defesa do solo russo enquanto único espaço ainda capaz de articular uma oposição à destituição do sagrado promovida pela modernidade” (Fernandes, 2017, p. 12), posicionando-a como uma antítese às influências europeias. Entre essas influências está a “razão utilitarista”

⁵ Tradução nossa. No original: “[...] referred to those who claimed to accept nothing on authority or faith, neither religious beliefs nor moral ideas nor social and political theories, unless they could be proved by reason or verified in terms of social utility. In other words, Nihilism was a negative attitude to tradition, to authority, whether ecclesiastical or political, and to uncriticized custom, coupled with a belief in the power and utility of scientific knowledge.”

pregada pelo então jovem escritor e filósofo Nicolai Tchernichévski (1828 - 1889), cuja filosofia racional materialista sustentava que o homem é servo das leis da natureza. A partir dessa conclusão:

Tchernichévski tentou erradicar o problema da liberdade, uma vez que não hesitou em apregoar que o livre-arbítrio não existe, nem pode existir como dado objetivo. A noção de vontade ou “querer”, escreve ele, “é apenas a impressão subjetiva, que acompanha em nossas mentes o surgimento de pensamentos, ações ou fatos externos precedentes”. Em relação à ética e à moral, Tchernichévski adotou uma forma de utilitarismo de Bentham que rejeita todo recurso aos valores morais tradicionais (cristãos). O bem e o mal são definidos em termos de “utilidade”, e o homem busca principalmente o que lhe dá prazer e satisfaz seu interesse egoísta [...] (Frank, 2018, p. 350).

Essas ideias foram rapidamente difundidas na Rússia, fundamentando os parâmetros da nova moral da ideologia radical, que se fortalecia. Isso causou grande apreensão em Dostoiévski, pois tal credo conflitava com duas de suas verdades que ele havia adquirido durante a sua experiência nos trabalhos forçados na Sibéria:

que a psique humana jamais, sob quaisquer condições, abdicaria de seu desejo de afirmar sua liberdade; a outra era que a moral cristã do amor e da abnegação era uma necessidade suprema, tanto para o indivíduo como para a sociedade (Frank, 2018, p. 350).

Com a destruição desses valores pelas ideias niilistas e pelas utopias ocidentais, Dostoiévski prevê um futuro apocalíptico que ele tenta personificar nas suas personagens trágicas, como protesto e defesa da liberdade e da autonomia moral do homem. E com Nikolai Vsievolódovitch Stavróguin não é diferente. Esse personagem foi criado para demonstrar potencialmente os riscos das ideias niilistas, dramatizando “as possíveis consequências de pôr em prática a lógica de um egoísmo não contido por inibições morais” (Frank, 2018, p. 397).

O niilismo que observamos no romance *Os demônios* torna-se objeto de sátira e questionamento dos pilares morais das ideias modernas, em que a razão e as promessas de emancipação, felicidade e transformação social provocam uma mudança radical nas dinâmicas morais e psicológicas dos habitantes das grandes metrópoles da Europa, em

particular São Petersburgo, na Rússia capitalista – denominada por Marshall Berman (1986) de “modernismo do subdesenvolvimento”.

E como poderemos ver a seguir, o personagem Stavróguin é uma das criações literárias de Dostoiévski que melhor representa esse ser moderno, o qual, educado nas novas ideias, não consegue encontrar bases sólidas de sentido para formar a sua personalidade, dissolvida por dentro pelo mal, que, como um parasita, irá ganhar realidade negativa na sua natureza humana, provocando, assim, uma cisão interna que culminará no seu suicídio.

3 O mal parasitário: da cisão da personalidade ao suicídio

O romance *Os demônios* (2018), publicado em 1872, é narrado por um observador que mantém certa distância da vida provinciana da cidade onde a história se desenrola, atuando como uma espécie de cronista a descrever os acontecimentos com um tom irônico e crítico. Esse narrador inicia a sua chamada “crônica” detalhando algumas informações biográficas de Stiepan Trofímovitch, aparentando ser o seu amigo confidencial, mas avisa que “a própria história que pretendo descrever ainda está por vir” (Dostoiévski, 2018, p. 15). Por isso, percebemos uma diferença clara entre o capítulo inicial, sem grandes ações, narração lenta e carregada, em comparação com os capítulos subsequentes, realçados pela tensão dramática, conspiração e violência, como se essas primeiras páginas transmitissem:

uma impressão de calma tranquilidade e de rotina tranquilizadora aos modelos de vida que logo serão perturbados pela incursão dos “demônios”, que aos poucos se infiltram na cidade provinciana [...] e sacudi-la-ão até as raízes (Frank, 2003, p. 621).

No primeiro capítulo, em que é estabelecido o contexto histórico onde a ação se desenrolará, nos é apresentado Stiepan Trofímovitch, de caráter liberal e idealista, como sendo o símbolo da primeira geração da *intelligentsia* russa, dos “homens supérfluos”⁶,

⁶ Termo popularizado pelo escritor russo Ivan Turguêniev (1818 – 1883), na obra *Diário de um homem supérfluo*, de 1850, para retratar os intelectuais que viviam sob o regime do czar Nicolau I e que eram portadores e propagandistas de ideias, porém incapazes de ação, característica que os condenava ao isolamento social melancólico.

em quem não havia “determinação para lutar por uma mudança radical” (Berman, 1986, p. 199), exemplificado no trecho a seguir:

Em certa época andaram dizendo a nosso respeito na cidade que o nosso círculo era um antro de livre-pensamento, depravação e ateísmo; aliás, esse boato sempre persistiu. Mas, enquanto isso, o que havia era uma divertida tagarelice liberal, a mais ingênua, singela e perfeitamente russa. O “liberalismo superior” e o “liberal superior”, ou seja, o liberal sem nenhum objetivo, só são possíveis na Rússia. Stiepan Trofímovitch, como qualquer homem espirituoso, precisava de um ouvinte e, além disso, precisava ter a consciência de que cumpria o dever supremo da propaganda de ideias. E por fim precisava beber champanhe com alguém e ao pé do copo de vinho trocar uma espécie de pensamentos divertidos sobre a Rússia e o “espírito russo”, sobre Deus em geral e o “Deus russo” em particular; repetir pela centésima vez a todas as escandalosas anedotas russas conhecidas e consolidadas em todos (Dostoiévski, 2018, p. 44).

Apesar da sua característica aparentemente inofensiva, será o intelectual Stiepan, representante da “geração liberal”, o portador que irá transmitir as energias do mal que se espalharão pela cidade. A sua atuação pedagoga produzirá indivíduos de ação radicalmente subversiva, como o seu filho natural, Piotr Vierkhoviénski, o adotivo, Stavróguin, e os outros “demônios” do grupo revolucionário.

Portanto, é reservado justamente a Stiepan o papel de educar moral e intelectualmente Nikolai Vsievólódovitch Stavróguin, a convite de sua mãe, Varvara Pietrovna Stavróguina. Desde os seus oito anos de idade, Stavróguin passa a receber uma educação sofisticada, que lhe proporciona o conhecimento sobre as ideias modernas e uma visão crítica aguçada a respeito da sua época tumultuada. Stiepan transmitiu toda a sua característica supérflua e instável moralmente para Stavróguin, o que provocou, no aprendiz, um vazio que irá permanecer até o seu fim.

O pedagogo perturbou um pouco os nervos do seu pupilo. Quando ele, aos dezesseis anos, foi levado ao liceu, andava mirrado e pálido, estranhamente calado e pensativo. [...] Stiepan Trofímovitch soube tocar o coração do seu amigo até atingir as cordas mais profundas e suscitar nele a primeira sensação, ainda indefinida, daquela melancolia eterna e sagrada que uma alma escolhida, uma vez tendo-a experimentado e conhecido, nunca mais trocaria por uma satisfação barata (Dostoiévski, 2018, pp. 49-50).

Percebemos que a própria educação fornecida por Stiepan é incompleta, não proporciona ao seu pupilo bases sólidas, o que condena a sua personalidade a vagar sem direção, dissolvendo-se “numa indiferença absoluta a tudo e numa precipitação impetuosa. [Stavróguin] Possui uma força extraordinária, mas sua existência perece por não saber onde aplicar sua força” (Sakamoto, 2007, p. 123).

Como demarca Luigi Pareyson (2012, p. 67), o mal age nos indivíduos dissolvendo e desagregando a personalidade, de modo que, “por mais vigorosa e robusta que seja, a sua força vai sendo empregada em aspirações imoderadas e titânicas ou em ações inadequadas e dispersas”.

E é neste ponto que surge o tema do uso da liberdade e das primeiras manifestações do mal, discutido anteriormente. Após concluir a sua primeira fase de estudos com Stiepan Trofímovitch, Stavróguin, aos dezesseis anos, foi enviado ao liceu para complementar a sua formação. Depois, a pedido da mãe, ingressou no serviço militar. No entanto, após um tempo sem notícias, começaram a circular rumores de que o jovem havia se entregado a uma “libertinagem desenfreada”, revelando os seus instintos arbitrários e cruéis:

[...] sobre pessoas esmagadas por cavalos trotões, sobre uma atitude selvagem com uma dama da boa sociedade, com quem mantinha relações e depois ofendeu publicamente. Nesse caso havia algo francamente sórdido, até demais. Acrescentavam, além disso, que ele era um duelista obcecado, que implicava e ofendia pelo prazer de ofender (Dostoiévski, 2018, p. 50).

É durante esse período que acontece o abuso sexual da menina Matriócha, caso que só ficamos sabendo na sua confissão ao padre Tíkhon⁷. Uma violência que culmina no suicídio da jovem e se transforma em uma sombra que acompanhará Stavróguin durante toda a sua trajetória no romance, como um alter ego cruel e demoníaco do qual jamais conseguirá fugir.

Além disso, após voltar para casa, Stavróguin passa por diversos escândalos, em que se destacam o beijo em uma mulher casada na frente do seu marido (Lipútín) e a

⁷ Capítulo “Com Tíkhon”, que Dostoiévski desejava que fosse o capítulo IX da segunda parte de *Os demônios*, mas foi censurado na época de sua publicação. O texto aparece no apêndice da edição brasileira da Editora 34, traduzida por Paulo Bezerra.

mordida na orelha de Ivan Óssipovith, o governador da cidade, ato desvairado que o levou a ser, temporariamente, preso.

Nessas ações violentas, vemos Stavróguin fazer uso de sua liberdade para se afirmar acima da lei moral, como se sentisse prazer pela violação. Para Pareyson (2012, p. 59):

nasce aqui a perversão propriamente dita, pela qual se faz mal não só pela deliberada vontade de infringir a lei, mas também pelo prazer desta consciente e voluntária transgressão: fazer mal pelo mal, “ofender pelo gosto de ofender”, “ser feliz por cometer crimes”.

Transcorridos esses acontecimentos, o narrador nos conta que Stavróguin “viajou três anos e pouco, de sorte que quase havia sido esquecido na nossa cidade [...] percorrera toda a Europa [...]. Diziam, ainda, que, durante o inverno, ele assistira aula em alguma universidade alemã” (Dostoiévski, 2018, p. 61). Essa viagem ao Ocidente não é algo meramente ao acaso no romance, pois segundo Lesley Chamberlain (2022, p. 82), “quando as personagens de Dostoiévski adquiriram – na América ou alhures no exterior, ou através de leituras estrangeiras – as ideias da razão, viram-se instantaneamente sem orientação moral”.

Quando volta à sua cidade natal, Stavróguin transmite a imagem de uma pessoa totalmente enigmática, cuja presença inspira admiração e medo. Na Rússia, o personagem se sente a todo instante como um estrangeiro e sem vínculos de pertencimento. Quando recebe a visita de Stavróguin, Chátov lhe diz: “Você perdeu a capacidade de distinguir o mal do bem porque deixou de reconhecer o seu povo” (Dostoiévski, 2018, p. 255). Nesse encontro, fica claro que a indiferença, o individualismo extremo e a falta de objetivos claros de vida por parte do personagem estão relacionados ao seu divórcio com a sua terra natal.

Apesar de sua vida sem propósito, Stavróguin entra para o grupo revolucionário de Piotr Vierkhoviénski, mas se mostra incapaz de exercer qualquer papel ativo. É importante notar que todos os membros do grupo revolucionário parecem ter sofrido algum tipo de influência de Stavróguin, de modo que “todos eles são, em certa medida, um fruto indiscutível do espírito de Stavróguin, de suas emanções” (Tchirkóv, 2022, p. 188). Em contrapartida, ele parece sentir-se desconectado com eles ao perceber quão

distante está das convicções que teve anteriormente, principalmente ao ouvir as suas próprias opiniões defendidas com unhas e dentes por seus camaradas.

Essa influência exercida por Stavróguin traz consequências devastadoras sobre as consciências e os discursos absorvidos por cada um deles, seja no cometimento do assassinato de Vierkhoviénski, na morte de Chátov ou no suicídio filosófico de Kirílov. Sobre esses dois últimos personagens, podemos perceber como eles transparecem ser duplos de Stavróguin, mas que não são mais reconhecidos, pois “ele plantou em Chátov a humanidade de Deus e sugeriu a Kirílov a divindade do homem, mas ele mesmo é incapaz de realizar uma síntese do humano e do divino pela fé no Deus-homem” (Sakamoto, 2007, pp. 123-124). Uma passagem que confirma a divisão da personalidade de Stavróguin ocorre quando ele é confrontado por Chátov ao demonstrar o seu comportamento dúbio em concentrar, ao mesmo tempo, polos moralmente contrários:

- [Chátov] Na América, passei três meses deitado na palha, ao lado de um... infeliz, e soube por ele que enquanto você implantava Deus e a pátria em meu coração, exatamente ao mesmo tempo, talvez até naqueles mesmos dias, você envenenou o coração daquele infeliz, do maníaco do Kirílov... você implantou nele a mentira e a calúnia e levou a razão dele ao delírio... Vá lá agora e olhe para ele, é sua criação. [...]
- [Chátov] [...] Você é ateu? Hoje é ateu?
- [Stavróguin] Sim.
- [Chátov] E naquela época?
- [Stavróguin] Exatamente como hoje
- [Chátov] [...] Mas não foi você mesmo que me disse que, se lhe provassem matematicamente que a verdade estava fora de Cristo, você aceitaria melhor ficar com Cristo do que com a verdade? Você disse isso? Disse? (Dostoiévski, 2018, pp. 248-249).

Outros fatos que evidenciam essa dubiedade, destacados por Joseph Frank (2003) e Tchirkhóv (2022), referem-se à aparente tentativa de Stavróguin de rejeitar e transcender o seu passado perverso: ao buscar o perdão humilhando-se em público ao reconhecer a sua aliança matrimonial com Mária Lebiádkina; ao não reagir a uma bofetada provocativa de Chátov; ou mesmo ao confessar ao padre Tíkhon ter abusado de Matriócha. No entanto, as suas tentativas de autocontrole para dominar o seu egoísmo não têm resultado prático, pois

[t]odas as fontes de sentimento humano secaram em Stavróguin; seu demonismo é o de um racionalismo total, que, numa vez tendo

esvaziado a vida de todo o significado e valor, não pode mais ter nenhuma reação direta, instintiva, a suas solicitações mais primitivas (Frank, 2003, p. 625).

Desse modo, a forte personalidade de Stavróguin parece estar dividida entre o desejo de redenção e o seu caráter demoníaco, forjado desde a sua tenra idade. Por isso, Pareyson (2012) irá nos dizer que o primeiro efeito do mal no homem é a cisão interior, quando a personalidade é dividida em duas. Se, de um lado, está a parte agradável, boa e honesta, na qual o próprio eu se reconhece ou gostaria de se reconhecer; do outro, há o alter ego, que não é aceito por ter aspectos ruins e depravados do próprio eu.

Diante dessa situação de conflito interno, que evidencia sua condição de perdido e sem salvação, Pareyson (2012, p. 180) descreve Stavróguin como um personagem “tíbio, isto é, amoral, tendo de tal modo anulado sua liberdade que não está mais em condições de distinguir entre bem e mal”. Portanto, observa-se que o protagonista dá sinais claros de cisão interna, com uma personalidade dissociada e dividida pelo mal, de tal modo que já opera nele o seu segundo efeito, em que

[o] sósia toma a dianteira e, nitidamente, prevalece o aspecto negativo, personificado numa presença bem mais premente e ameaçadora que a do simples sósia, porque assume a figura do demônio; assistiu-se, desse modo, à força do mal que, em toda sua potência de negação, quer tomar posse da sua personalidade e levá-la a dissolução (Pareyson, 2012, p. 70).

A epígrafe do evangelho de Lucas 8, 32-36 presente no romance, relatando a expulsão de demônios de um homem por Jesus, os quais, ao saírem de seu corpo, entram em uma manada de porcos, que se precipita no despenhadeiro, já nos dá indícios dessa natureza do mal que Dostoiévski busca representar. Um mal que “não tem uma existência própria, mas uma existência necessariamente parasitária, porque não pode subsistir a não ser apoiando-se na realidade existente, isto é, na realidade do homem” (Pareyson, 2012, p. 39).

Em Stavróguin, o parasita maligno não só adentrou a sua existência, mas “sediando-se no ser finito, exercia a sua negação, refutando a presença do absoluto no ser finito” (Pareyson, 2012, p. 80). Este mal “nega tudo o que consegue destruir, depois

destrói a si mesmo; isto é, reconhece-se como negação, destruição, não ser, numa palavra: como mal” (Pareyson, 2012, p. 83).

Na parte final do romance, em uma carta para Dária Pávlovna, Stavróguin manifesta a sua quase necessidade de tirar a própria vida ao dizer que: “Sei que preciso me matar, varrer-me da face da terra como um inseto torpe; mas tenho medo do suicídio porque temo mostrar magnanimidade” (Dostoiévski, 2018, p. 651).

Assustada com o anúncio sombrio que acabara de ler, Dária leva a carta até a mãe do anti-herói, Varvara Pietrovna. Perplexas, as duas partem em disparada para a casa onde ele disse que estaria, na cidade de Uri, na Suíça. O desfecho trágico nos é revelado logo em seguida, quando o seu corpo, suspenso pelo enforcamento, é descoberto no sótão:

O cidadão do cantão de Uri estava pendurado ali mesmo atrás da porta. Em uma mesinha havia um pequeno pedaço de papel com estas palavras escritas a lápis: “Não culpem ninguém, fui eu mesmo”. Ali mesmo na mesinha havia um martelo, um pedaço de sabão e um prego grande, tudo indica que trazidos de reserva. O forte cordão de seda, pelo visto escolhido e comprado de antemão e com o qual Nikolai Vsievolódvitch se enforcou, estava abundantemente untado de sabão. Tudo significava premeditação e consciência até o último minuto (Dostoiévski, 2018, p. 653).

Grandes heróis de Dostoiévski, como Raskólnikov em *Crime e castigo* (2016), percorrem o caminho da liberdade, enfrentam as chamas infernais da polifonia e da malignidade, sendo essas brasas do sofrimento que os conduzem ao paraíso da redenção. Já em Stavróguin, o mal provoca não apenas uma cisão interna, mas também um esvaziamento de todo e qualquer sentido, de tal forma que até a sua busca pelo perdão divino parece motivada por puro egoísmo. Sediado no ser finito como germe de negação e destruição, o mal, em sua manifestação extrema, arrasta o personagem para o seu momento de desaparecimento final, na aniquilação da existência corrompida, com o retorno ao seu lugar de origem: o não-ser.

Considerações finais

A análise realizada neste trabalho revela a complexidade e a profundidade do mal na obra de Dostoiévski, com especial destaque para *Os demônios* (2018). Neste estudo,

buscamos compreender a trajetória suicida de Stavróguin à luz do conceito de “mal parasitário”, desenvolvido por Luigi Pareyson. Percebemos que os efeitos das ideias ocidentais modernas, consideradas por Dostoiévski como niilistas, aderidas pelo personagem durante a sua formação com Stiepan e aprofundadas em sua vivência no continente europeu, infiltraram-se em sua realidade interior como um agente de destruição. Esse processo corroeu a sua identidade, cindindo-lhe a personalidade em um duplo “eu”, no qual o alter ego em depravação assumiu o controle, conduzindo a sua vida a um estado de completa deterioração moral e existencial.

Ao longo dessa trajetória, Stavróguin ilustra como o mal, em sua forma parasitária, não é apenas um conceito externo ou circunstancial, mas uma força que opera no âmago do ser humano, corrompendo-lhe a liberdade e desfigurando a sua essência. A liberdade, tão exaltada como um ideal, torna-se, em Stavróguin, uma caricatura, reduzida a um vazio arbitrário, o qual alimenta as próprias indiferença e incapacidade de encontrar sentido ou direção. Como resultado, ele é tragado pelo espírito do não-ser, os “demônios”, que simbolizam a fragmentação interna do homem moderno e o conduzem ao suicídio como o ato derradeiro que sela sua autodestruição.

Esse desfecho, como apontado por Pareyson (2012, p. 143), reflete a essência do niilismo em Dostoiévski: “o suicídio imprime o selo do nada a uma vida que só teve o nada por insígnia”. Em Stavróguin, Dostoiévski não apenas dramatiza a influência das ideias niilistas sobre o indivíduo, mas também alerta para os perigos que essas ideias representam para a sociedade como um todo. A sua figura trágica é, ao mesmo tempo, um espelho das tensões do século XIX e uma profecia inquietante acerca dos dilemas morais e espirituais que continuam a nos assombrar na contemporaneidade.

Assim, este estudo reafirma a relevância de *Os demônios* como uma obra a transcender o seu tempo, aportando reflexões profundas sobre o mal, a liberdade e os dilemas existenciais do ser humano. A trajetória suicida de Stavróguin, ao mesmo tempo singular e paradigmática, permanece como um poderoso testemunho do gênio de Dostoiévski e de sua capacidade de explorar as camadas mais sombrias e complexas da alma humana.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução de George Bernard Sperber. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BERDIAEV, Nikolai. *O espírito de Dostoiévski*. Tradução de Otto Schneider. Rio de Janeiro: Eleia Editora, 2021.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha do ar: a aventura da Modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BEZERRA, Paulo. A casa morta: o laboratório do gênio (texto de apresentação). In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Escritos da casa morta*; tradução, apresentação e notas de Paulo Bezerra; posfácio de Konstantin Motchulki. São Paulo: Editora 34, 2020.
- CAMUS, Albert. *Conferências e discursos: 1937 – 1958*. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2023.
- CHAMBERLAIN, Lesley. *Mãe Rússia: uma história filosófica da Rússia*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- CHAVES, Thaís Figueiredo. *Tanatografia n'Os demônios de Dostoiévski: arena discursiva e suicídio literário de Stavróguin*. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- COPLESTON, Frederick C. *Philosophy in Russia: From Herzen to Lenin and Berdyaev*. Notre Dame, Indiana: Search Press, 1986.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. Tradução, apresentação, notas e posfácio de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O crocodilo e Notas de inverno sobre impressões de verão*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os demônios*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2012.
- FERNANDES, Arlene Aparecida. *O solo sagrado: crítica da modernidade em Dostoiévski*. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2017.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski: um escritor em seu tempo*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski: os anos de provação, 1865-1871*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LÚKACS, George. *Ensaio sobre literatura*. Tradução, coordenação e prefácio de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1965.

PAREYSON, Luigi. *Dostoiévski: filosofia, romance e experiência religiosa*. Tradução de Maria Helena Nery Garcez e Sylvia Mendes Carneiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

PEDROSO, Ednilson Rodrigo. O solipsismo memorial de Anton Lavriéntievich G-v em *Os demônios*, de Dostoiévski. *RUS* (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 12, n. 20, pp. 66–88, 23 dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.189457>. Acesso em: 06 fev. 2025.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo: Leya, 2013.

SAKAMOTO, Jacqueline Izumi. *Religião e niilismo: paidéia crítica em Os demônios de Dostoiévski*. 2007. 144 f. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

TCHIRKOV, Nikolai. *O estilo de Dostoiévski: problemas, ideias, imagens*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2022.

VOLPI, Franco. *O niilismo*. Tradução de Aldo Vannucchi. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2012.

Recebido em 17/02/2025

Aprovado em 13/10/2025

Declaração da contribuição de autores

Declaramos que os autores Anderson Souza Cantanhede e Douglas de Sousa dividiram as tarefas que integram as condições para a elaboração do referido artigo: o autor Anderson Souza Cantanhede foi responsável pela concepção do projeto e pelo desenvolvimento da discussão teórica. O autor Douglas de Sousa foi responsável pela revisão crítica relevante do conteúdo intelectual, bem como pela supervisão da discussão teórica. Ambos foram responsáveis pela redação do artigo, pela aprovação final da versão a ser publicada e assumem a responsabilidade por todos os aspectos do trabalho, garantindo a exatidão e integridade de qualquer parte da obra

Declaração de disponibilidade do conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (4): e70272p, out./dez. 2025

Parecer I

O trabalho é desenvolvido com clareza e é coerente com o objetivo proposto, relaciona bem as referências e demonstra conhecimento do contexto russo, contribuindo para os diálogos em torno de questões inerentes à obra aqui analisada. Em coerência com a complexidade que é apresentada ao longo do trabalho, consideraria elaborar um pouco mais a seguinte síntese, principalmente por estar no início:

“analisando como o mal, infiltrado no ser por meio de ideias niilistas, corrompe a sua liberdade e o conduz ao suicídio.”

Talvez pontuar já aqui a desagregação da personalidade de que falará mais adiante.

Sugiro dialogar com Pareyson (das referências na p. 67) no que diz respeito a Stavróguin: e essa personalidade que “degenera na dissipação”; ou isso que “destina à inércia”.

Essa “fortíssima personalidade de Stavróguin... dissocia-se e dissolve-se”, como lemos em Pareyson, “até o ponto de o suicídio final não ser mais que o último ato de um processo [...]de dismantelamento e destruição”.

(nos parágrafos finais essa síntese retorna já com desdobramentos, mas, como disse, pode ser interessante problematizá-lo logo na primeira vez em que surge).

E quando se refere a Stavróguin no tocante a não haver distinção entre bem e mal, pode ser interessante evidenciar mais o que Pareyson diz da indiferença e tibieza,

(ver p.179) “Stavróguin é túbio, isto é, amoral, tendo de tal modo anulado sua liberdade...”

No mais, algumas indicações de ajustes na digitação/pontuação:

“para retratar os intelectuais, que viviam sobre o regime do tsar Nicolal I, que eram portadores...”

“para retratar os intelectuais que viviam sobre o regime do tsar Nicolau I e que eram portadores”

Nicolau aparece duas vezes Nicolal, verificar

Verificar: Ivan Óssipovith.

APROVADO COM SUGESTÕES [Revisado]

Susana Carneiro Fuentes – Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Instituto de Letras, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-5529-6900>; fuentes.susana@gmail.com

Parecer emitido em 04 de março de 2025.

Editores responsáveis

Adriana Pucci Penteado Faria e Silva

Beth Brait

Maria Helena Cruz Pistori

Paulo Rogério Stella

Regina Godinho de Alcântara